

“Estar Junto Virtual Ampliado”: movimentos na/para Educação a Distância

Frederico Fonseca Fernandes (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)¹

Suely Scherer (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)²

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo teórico sobre uma abordagem para a Educação a Distância (EaD), denominada “Estar Junto Virtual Ampliado” (EJVA). Essa abordagem parte de estudos de Valente (2005) sobre a abordagem “Estar Junto Virtual”, articulados com estudos sobre o Ciclo de Ações (VALENTE, 2005), atitudes de estudantes e professores em ambientes virtuais (SCHERER, 2005) e estilos de uso do espaço virtual (BARROS, 2013). Na abordagem EJVA, as interações entre indivíduos, objeto do conhecimento e tecnologias digitais são determinantes dos movimentos de aprendizagem em ambientes virtuais. Essas interações são afetadas pelas atitudes e pela relação entre atividades propostas e estilos de usos do virtual dos estudantes.

Palavras-chave: *Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação; Atitudes; Estilos de Uso do Virtual; Espaço Virtual; Ambiente Virtual de Aprendizagem.*

Abstract

The purpose of this article is to present a theoretical study on an approach to Distance Education (DE), called “Being Together Virtual Expanded” (EJVA). This approach is based on studies by Valente (2005) on the “Being Together Virtual” approach, articulated with studies on the Cycle of Actions (VALENTE, 2005), student and teacher attitudes in virtual environments (SCHERER, 2005) and styles of use of the virtual space (BARROS, 2013). In the EJVA approach, interactions between individuals, objects of knowledge and digital technologies are determinants of learning movements in virtual environments. These interactions are affected by attitudes and the relationship between proposed activities and styles of student’s virtual uses.

Keywords: *Digital Information and Communication Technologies; Attitudes; Styles of Use of the Virtual; Virtual Space; Virtual Learning Environment.*

¹ Contato: profrederico@gmail.com

² Contato: susche@gmail.com

1. Para início de conversa

Sabemos que não é fácil planejar, estruturar, oferecer e acompanhar cursos na modalidade de Educação a Distância (EaD), porém, não é impossível. A oferta de cursos nessa modalidade exige um currículo diferente daquele observado em cursos na modalidade presencial, em especial, em relação aos materiais didáticos, interação com conteúdos, espaços de aula, proposta de interação entre professor e alunos e entre alunos, bem como em relação ao papel e a atuação dos professores e dos estudantes. Nesse sentido, para organizar um curso nesta modalidade, inicialmente, Gatti e Barreto (2014, p. 45) afirmam que necessita-se de:

[...] equipes docentes com formação para trabalho com EaD; exigem tecnologias sofisticadas e ágeis; materiais bem produzidos e testados; polos bem instalados; monitores ou tutores bem formados, apoiados e acompanhados, tanto nos conhecimentos de áreas como no uso de tecnologias educacionais; sistemas de controle bem delineados com pessoal adequado; avaliação da aprendizagem em formas consistentes, entre outros cuidados.

No entanto, mesmo que um curso proposto na EaD atenda às necessidades citadas anteriormente, entre outras, Gatti e Barreto (2014, p. 44) reforçam que

[...] os currículos dos cursos à distância não vêm representando inovação curricular, ou, ao menos, mostrando adequação ao novo meio de ensino; ao contrário, mostram-se como reprodução dos currículos presenciais sem adequações ao novo meio utilizado – as mídias, as plataformas e linguagens, sem levar em consideração as questões conhecidas da investigação educacional sobre estudos e aprendizagens por recursos não presenciais.

Com isso, novamente, afirmamos que propor cursos na modalidade EaD não é fácil, pois além de estrutura (polos, equipamentos, equipe técnica e pedagógica), outros elementos do currículo desses cursos precisam ser pensados, considerando potencialidades dessa modalidade de educação, mas, em especial, precisa ser pensado na abordagem pedagógica de professores, que implica em como serão propostas e realizadas as atividades, os processos de avaliação da aprendizagem, a produção ou seleção de materiais e espaços virtuais, para constituir um ambiente virtual de aprendizagem no curso, nas disciplinas.

Foram essas inquietações que nos mobilizaram a realizar o estudo teórico que apresentaremos neste artigo. O objetivo aqui é apresentar e discutir esse estudo, sobre uma abordagem para EaD que denominamos de “Estar Junto Virtual Ampliado” (EJVA).

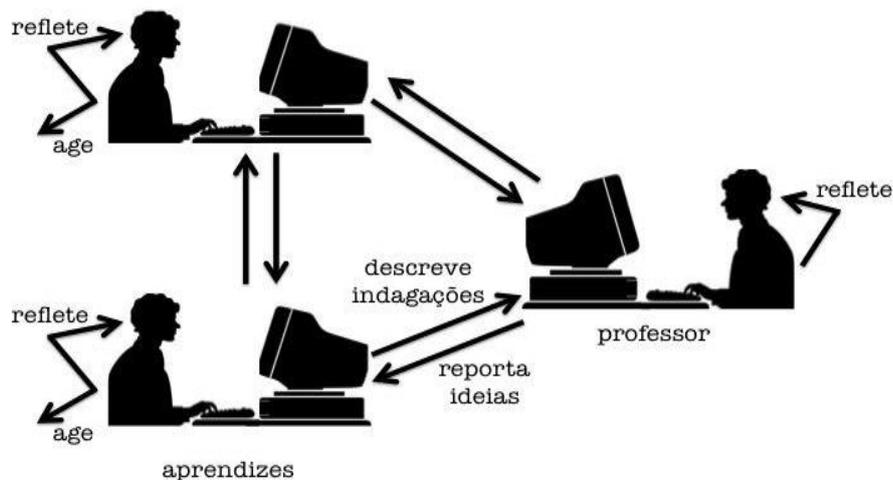
O estudo iniciou a partir de uma pesquisa de mestrado (FERNANDES, 2014), em que foram realizados estudos sobre a abordagem do “Estar Junto Virtual”, propostos por Valente (2005), articulados com estudos sobre o Ciclo de Ações (VALENTE, 2005). Nesta pesquisa de mestrado, foi discutida a abordagem EJVA a partir da análise de interações em ambientes virtuais de disciplinas de dois cursos de Licenciatura em Matemática, vinculados a UAB. A continuidade do estudo que aqui apresentamos, ocorreu a partir de uma pesquisa de doutorado (FERNANDES, 2018), em que foi proposto, desenvolvido e analisado, orientado pela abordagem do EJVA, uma disciplina, em um curso de Licenciatura em Matemática à distância. A partir da pesquisa de doutorado foi aprofundada o estudo teórico da abordagem EJVA, integrando estudos sobre atitudes de indivíduos em ambientes virtuais e sobre os diferentes estilos de uso do virtual.

O estudo teórico apresentado neste artigo contribui com as pesquisas em EaD, ao discutir e problematizar interações entre estudantes e professores em espaços virtuais, o uso de tecnologias digitais em processos de aprendizagem à distância, e ao considerar diferentes atitudes dos envolvidos no processo e estilos de uso do virtual, em ações e cursos ofertados na modalidade à distância.

2. “Estar Junto Virtual” em movimento

As nossas inquietações sobre o estudo teórico que apresentamos neste artigo iniciaram durante a realização de uma pesquisa de mestrado (FERNANDES, 2014), em que foi analisado como eram utilizadas as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) em dois cursos de Licenciatura de Matemática, na modalidade à distância, ofertados pelo sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Como discutido em Fernandes (2014), observamos que a abordagem do “Estar Junto Virtual”, discutido por Valente (2005), indicava caminhos para analisar e propor abordagens de ensino em cursos a serem desenvolvidos a partir de espaços virtuais, com o uso da Internet e computadores, considerando, entre outros elementos, a interação entre indivíduos, como observado no “modelo” na Figura 1.

Figura 1 – “Estar Junto Virtual”

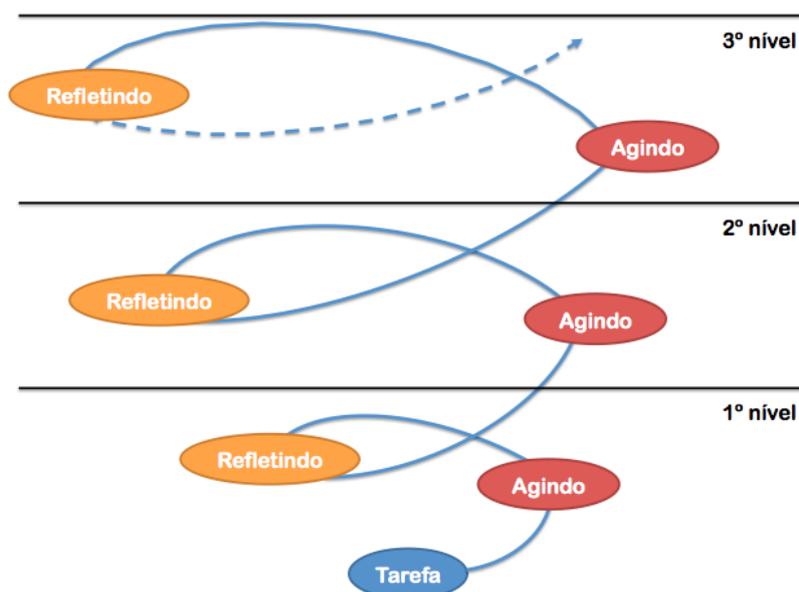


Fonte: Valente (2005, p. 86).

A partir desse “modelo”, podemos observar a interação entre alunos e professor em ambientes virtuais como elemento essencial para a construção de conhecimento na EaD, uma vez que as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) podem favorecer a comunicação entre estudantes e professores. No entanto, consideramos que “descrever indagações” e “reportar ideias” não são ações exclusivas de um ou de outro indivíduo nessa relação, ou seja, não deve ser uma atitude exclusiva do professor o envio de ideias ao ambiente virtual, e dos estudantes, o envio de indagações. Acreditamos que esse movimento de descrição de indagações e de encaminhamento de ideias, pode ser realizado por todos os indivíduos que fizerem parte desse ambiente (FERNANDES, 2014).

Além desse movimento, podemos observar que os estudantes, a partir de uma tarefa/atividade enviada pelo professor ou outro estudante, podem “agir” sobre as informações enviadas, “refletindo” sobre o seu conteúdo e, a partir dessas ações e reflexões, ele poderá (re)organizar suas certezas e dúvidas pois, esse movimento não é linear, podendo ser compreendido, nesse caso, como uma “Espiral de Aprendizagem”. Segundo Valente (2005), essa espiral é formada a partir da repetição de ações (agir e refletir), mas que nunca o aprendiz estará no mesmo nível anterior, em termos de conhecimento. Podemos observar a formação dessa espiral, que é ascendente, ampliando, com isso, as ações e reflexões do aprendiz, como observado na Figura 2.

Figura 2 – Agir e Refletir no Estar Junto Virtual Ampliado



Fonte: Fernandes (2018, p. 36).

No entanto, como todos os aprendizes (estudantes e professor) estão usando o computador (inclusive celulares que hoje são pequenos computadores), ao interagirem neste ambiente virtual, as TDIC poderão, ou não, favorecer ações para a construção de conhecimento a partir das informações inicialmente encaminhadas e, também, daquelas que surgiram com as interações. Nesse sentido, do uso de computadores para realizar as aulas, as ações dos estudantes e do professor em um ambiente virtual deveriam estar articuladas com produções criadas a partir do uso de diferentes softwares e aplicativos, que podem favorecer a construção de conhecimento específicos, considerando seus objetos e suas formas de representação. Afinal, o espaço virtual pode ser considerado o “espaço natural” para uso de tecnologias digitais em processos de aprendizagem, para além de se constituir o próprio espaço de interação, de aula.

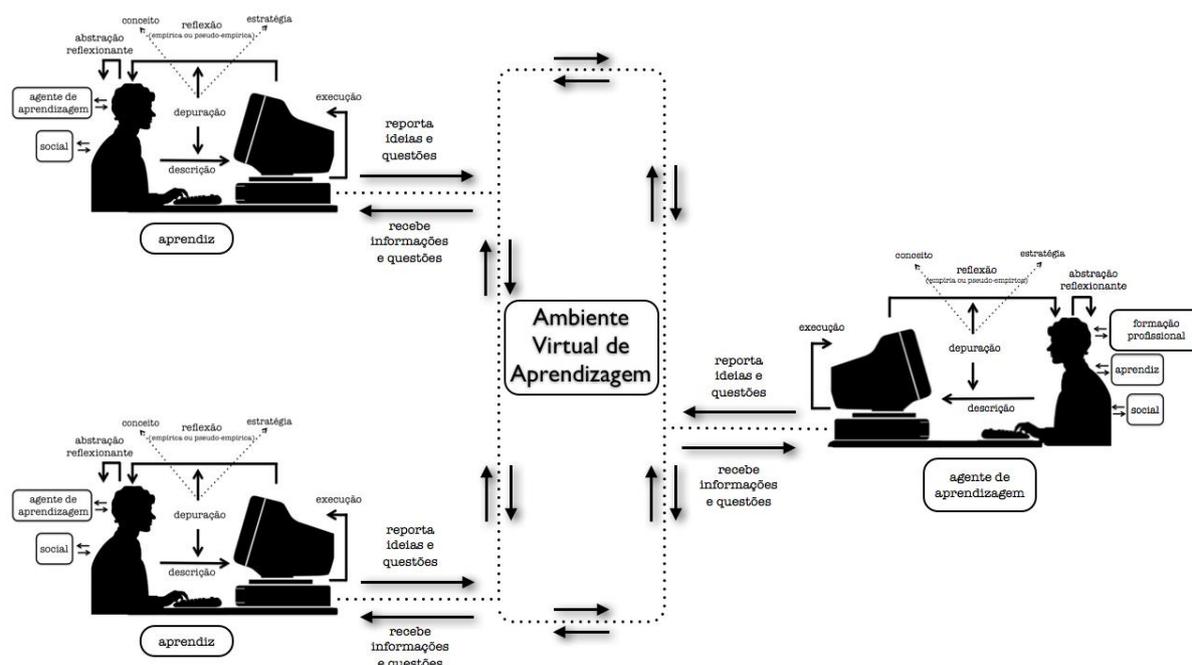
Talvez pensando que nem sempre as TDIC estão integradas ao currículo de cursos a distância, ao propor a abordagem do “Estar Junto Virtual”, Valente (2005) não se preocupou em explicitar na abordagem Estar Junto Virtual, como o uso do computador e das TDIC poderiam favorecer propostas de ensino segundo a abordagem construcionista, para além da comunicação (ações de interação). Na abordagem construcionista, o uso das TDIC é proposto na perspectiva de construção do conhecimento, possibilitando aos estudantes agir diretamente sobre o objeto de conhecimento. Dessa forma, o aprendiz tem a possibilidade de construir um “produto [que] pode ser mostrado, discutido, examinado,

sondado e admirado” (PAPERT, 2008, p. 137).

Nessa perspectiva, o professor deve estar ciente que, em sua proposta de ensino, plano de trabalho, planejamento de aulas, elaboração e proposição de atividades/tarefas, “a meta é ensinar de forma a produzir a maior aprendizagem a partir do mínimo de ensino” (PAPERT, 2008, p. 134). Mínimo de ensino, nesse caso, não é a ausência do professor ou a escassez de informações, deixando os alunos à sua própria sorte, mas “significa que o professor irá ‘expor’ menos, e desafiar mais para que o aluno produza conhecimento, coloque ‘a mão na massa’” (FERNANDES, 2014, p. 32).

Essas questões mobilizaram e constituíram os primeiros estudos teóricos sobre a abordagem EJVA, apresentados por nós, em especial na pesquisa de mestrado (FERNANDES, 2014). Uma discussão sobre a ampliação da abordagem “Estar Junto Virtual”, proposto por Valente (2005), a partir da identificação de alguns elementos, como podem ser observados na Figura 3.

Figura 3 – “Estar Junto Virtual Ampliado”



Fonte: Fernandes (2014, p. 41).

Na Figura 3 podemos observar que foram identificadas e ampliadas as relações entre estudantes e professores em processos virtual de ensino e de aprendizagem na EaD, incorporando o “Ciclo de Ações” (VALENTE, 2005) vivenciado pelo aprendiz (estudante) ao usar o computador para resolver diferentes situações, e o “Ciclo de Ações do Professor”, que propomos acrescentar também nesta abordagem.

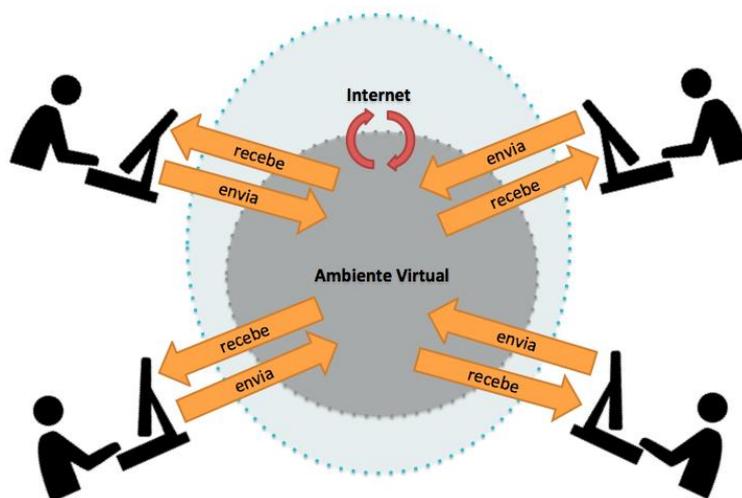
No “Ciclo de Ações”, Valente (2005) destacou uma série de ações, sendo a descrição, execução, reflexão e depuração, aquelas que podem ser vivenciadas pelo estudante ao agir sobre um objeto de conhecimento com o uso do computador. Na abordagem do “Estar Junto Virtual Ampliado” (EJVA), sugerimos que essas mesmas ações são vivenciadas pelo professor, mas, para além do objeto de conhecimento específico de uma disciplina que ele ministra, com a possibilidade de ele agir e refletir sobre a sua própria prática pedagógica. Daí, ser um ciclo de ações que envolve conhecimentos específicos do conteúdo em estudo, e também conhecimentos em relação a sua prática docente.

Esse estudo teórico orientou a análise de movimentos de interação em ambientes virtuais de dois cursos de Licenciatura em Matemática à distância na pesquisa de mestrado (FERNANDES, 2014), citada anteriormente. Mas, naquele momento, concluiu-se na pesquisa que a abordagem de EaD nos cursos ainda estava distante de uma proposta em uma abordagem EJVA, nos movimentos e registros das disciplinas observadas e analisadas.

Na continuidade do estudo teórico, mobilizados pelos resultados desta pesquisa de mestrado, a partir de uma pesquisa de doutorado (FERNANDES, 2018), continuamos investigando a abordagem do EJVA, a partir da proposição de uma disciplina em um curso de Licenciatura em Matemática, que se orientou pela abordagem EJVA. Essa pesquisa de doutorado contribuiu para ampliar o estudo teórico sobre essa abordagem, em um movimento imbricado de teoria e prática.

Considerando a disponibilização e o uso de TDIC no ambiente virtual da disciplina ofertada a distância, a presença de indivíduos e o compartilhamento de informações, foi proposto, naquele momento da pesquisa de doutorado, a abordagem do EJVA, a partir do que apresentamos na Figura 4.

Figura 4 – Representação dos movimentos de interação no “Estar Junto Virtual Ampliado”



Fonte: Adaptado de Fernandes (2014)

Na abordagem “Estar Junto Virtual Ampliado”, considerando as ações de um indivíduo em relação aos demais, ao objeto de conhecimento e do uso das TDIC, podemos observar a existência de movimentos de “enviar” e “receber” mensagens, ou seja, do uso dessas tecnologias e da existência de diferentes tipos de interação, tais como, indivíduo-indivíduo, indivíduo-informação e indivíduo-TDIC.

A identificação e análise dessas ações pode auxiliar na compreensão de como as TDIC podem ser usadas na EaD, favorecendo a comunicação entre os participantes, o acesso às informações e à construção de representações de objetos, no caso da pesquisa de doutorado, matemáticos, em um ambiente virtual, em uma perspectiva de aprendizagem que considera a possibilidade de construção individual e coletiva de conhecimentos .

Destacamos que, nessa abordagem, o uso das TDIC, segundo uma abordagem de construção de conhecimento, pode possibilitar a existência de ações de interação entre professor, estudantes, informação e dessas tecnologias, pois segundo Scherer (2005, p. 48), a partir dos ambientes virtuais, “podemos nos comunicar com o mundo, com os outros, em um processo contínuo”, com o envio e recebimento de informações. Porém, o planejamento e uso desses ambientes por alunos e professores, favorecendo a existência dos processos de ensino e de aprendizagem, para promover diálogos síncronos (ao mesmo tempo) e/ou assíncronos (em tempos diversos), está intrinsecamente relacionado com a concepção de ensino e de aprendizagem do professor, presente na proposta do curso, da disciplina, do currículo posto em ação.

No entanto, reforçamos que nessa abordagem de EaD, compreendemos e utilizamos o conceito de interação para além de processos comunicacionais entre indivíduos. A partir disso, consideramos a possibilidade de interações dos tipos indivíduo-informação, indivíduo-TDIC, entre outras.

Com o possível envio e recebimento de informações por estudantes e por professores, a partir do uso de TDIC e da conexão à Internet, temos condições e elementos que podem nos auxiliar na identificação e análise das ações entre indivíduos e informação, uma vez que tais tecnologias favorecem, também, esse tipo de interação. Ou seja, o uso de TDIC possibilita movimentos que podem, segundo Valente (2005, p. 29), manter “os membros do grupo cooperando entre si, realizando atividades inovadoras e criando oportunidades de construção de conhecimento”.

Nessa perspectiva, todos são responsáveis pelo envio de questionamentos, ideias e informações, colaborando com o desenvolvimento das tarefas e cooperando entre si, em um processo de construção de conhecimento na EaD que pode ser observado tanto individualmente quanto coletivamente, pelos estudantes e pelo professor.

Porém, não podemos afirmar que, a partir do envio de informações em um ambiente virtual, todos os participantes tiveram acesso (receberam) a informação enviada. Nesse caso, consideramos que a “atitude” de estudantes e professor, em processos de construção de conhecimento, influenciará nesse movimento de enviar e receber informações. O que ocorre no “envio” é apenas uma disponibilização de informações, que poderão ou não ser acessadas/recebidas por cada um dos participantes.

Avançando um pouco mais sobre a existência e manutenção de ações de interação que podem ser observadas em um ambiente virtual, ressaltamos que essas ações, iniciadas por um professor, ao propor tarefas,

[...] devem enfatizar a troca de ideias, o questionamento, o desafio e, em determinados momentos, o fornecimento da informação necessária para que o grupo possa avançar, ou seja, o “estar junto” ao lado do aprendiz, vivenciando e auxiliando-o a resolver seus problemas (VALENTE, 2005, p. 29).

A existência de tais movimentos de interação dependerá das “atitudes” de alunos e professor nesse ambiente virtual e, além disso, favorecerá a análise e compreensão das interações estabelecidas por esses a partir dos diferentes “estilos” de uso do virtual. Ao falarmos em “atitudes”, na abordagem EJVA, consideramos os estudos de Scherer (2005), que discute a atitude de indivíduos em ambientes virtuais, identificando-os como possíveis transeuntes, visitantes ou habitantes.

Sobre os “estilos de uso do virtual”, recorreremos inicialmente aos estudos de Barros (2013), que discute e apresenta os estilos de uso do espaço virtual pelos indivíduos como sendo, potencialmente, “participativo”, “para busca e pesquisa”, “para estruturação e planejamento” e “de ação concreta e produção”.

Sendo assim, a partir da pesquisa de doutorado, avançamos no estudo sobre a abordagem EJVA, em especial, em relação a alguns pressupostos teóricos que discutem as condições que favorecem ou não as interações entre indivíduos e desses com os objetos do conhecimento, em uma abordagem do EJVA: atitudes de professores e alunos em ambiente virtual de aprendizagem; e estilos de uso do espaço virtual.

3. Atitudes de Indivíduos em Espaços Virtuais (de Aprendizagem)

Apesar das TDIC possibilitarem a aproximação e a comunicação entre indivíduos, a atitude de alunos e professores é o que pode definir a intensidade de processos de interação na abordagem do EJVA. Não basta disponibilizar tecnologias digitais em espaços virtuais para termos interação. É preciso que esses indivíduos acessem esses locais, movimentando-os e transformando-os em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

Será a atitude desses indivíduos que poderá favorecer a interação, a comunicação “de um para todos, de um para um (possibilitando o atendimento individualizado em alguns momentos) e de todos para todos (a possibilidade de troca com várias outras comunidades)” (SCHERER, 2005, p. 55).

A relevância das ações entre indivíduos nos processos de construção de conhecimento está aliada a mediação pelos próprios indivíduos. Nesse sentido, em uma disciplina ou curso ofertado a distância, por exemplo, é papel do professor acompanhar e estar à frente na mediação dessas interações, acompanhando, intervindo quando necessário, não como “centro da ação, mas, como participante” (LUVIZOTTO; CARNIEL; 2013, p. 27). No entanto, o professor não será mais um mero participante desse ambiente virtual, mas aquele que pode e deve mediar as interações entre os indivíduos, TDIC e objetos do conhecimento.

Ao considerarmos a atitude dos indivíduos em um ambiente virtual, reforçamos que esse deve ser organizado, a partir de diferentes espaços virtuais, transformando-os em ambientes virtuais, de forma que possa ser “‘habitado’ e não um espaço de passagem, [e por isso], temos de usar o diálogo, a comunicação, como materiais essenciais para a obra que se cria” (SCHERER, 2005, p. 30).

A comunicação e, principalmente, a interação, a proximidade entre aqueles que habitam um AVA, segundo Scherer (2005, p. 51),

acontece ao conectar-se, e nessa conexão os aprendizes (educandos e educadores) encontram os seus parceiros de ambiente a qualquer momento. Ao acessar o espaço, encontram os diálogos trocados entre os colegas em um outro tempo ou naquele instante, e sentem como se todos estivessem lá, próximos a eles, pois as suas 'ideias', os seus projetos, os seus sentimentos, as suas histórias estão naquele espaço, como também em outros espaços, sendo e se fazendo ser.

A atitude de estudantes e professores em um ambiente virtual pode favorecer a interação, a manipulação de objetos de conhecimento, a convergência ou divergência de pensamentos/ideias, uma vez que, nesses ambientes virtuais

se vive junto e não sozinho, tendo sempre a possibilidade de recorrer a alguém, independente de tempo, para pedir informações ou para recebê-las, para comunicar, para informar, para se divertir, para refletir, para aprender. É preciso, entretanto, habitar, ser parte da comunidade, não apenas ser visitante ou transeunte" (SCHERER, 2005, p. 59).

A atitude de indivíduos em ambientes virtuais é uma das variantes que precisam ser reconhecidas e analisadas na EaD. Para isso, Scherer (2005) nos apresenta os conceitos do que é ser um habitante, um visitante e um transeunte em ambientes virtuais.

Para Scherer (2005, p. 59), os habitantes

são aqueles que se responsabilizam pelas suas ações e pelas dos parceiros, buscando o entendimento mútuo, a ação comunicativa, o questionamento reconstrutivo; o habitante está sempre sendo parte (sentido dinâmico) do ambiente. Portanto, o encontramos sempre no ambiente, pois ele também vive lá, observando, falando, silenciando, postando mensagens, refletindo, questionando, produzindo, sugerindo, contribuindo com a história do ambiente, do grupo e dele. O habitante de ambientes de aprendizagem, assim como do mundo, não apenas vive nos ambientes, existe neles.

Compreendemos que para estudantes e professores serem "caracterizados"/ "identificados" como habitantes de um ambiente virtual, devemos considerar que "uma pessoa só começa a fazer parte de uma comunidade, habitar um ambiente, inclusive o virtual, se ela sentir necessidade, se ela não encontrar em outro lugar o que a comunidade oferece" (SCHERER, 2005, p. 60).

Portanto, ao propor um curso/disciplina segundo a abordagem do EJVA, para ser considerado um habitante, estudantes e professores devem pertencer e se reconhecer nesse pertencimento, nesse ambiente virtual, como sendo o ambiente de encontro, de

trocas, de compartilhamento, de possibilidades de interação, favorecendo a construção de conhecimento. Além disso, as ações que se estabelecem entre os habitantes estão pautadas nas interações um-a-um, um-para-todos e/ou todos-para-todos, dependendo do momento e do objetivo da tarefa proposta e em desenvolvimento.

Com isso, e a partir das concepções de ensino, aprendizagem e interação que fundamentam o EJVA, os habitantes de um ambiente virtual constituem e são constituídos no movimento dialógico existente entre os diferentes tipos de interação: com outro habitante, cooperando (operando mentalmente) sobre suas certezas provisórias; com outro visitante, colaborando com o envio de informações; com o objeto do conhecimento, a partir da manipulação de seus diferentes tipos de representação; e com as TDIC, ao se utilizar de diferentes linguagens digitais para se comunicar com os demais participantes do ambiente virtual.

Mas além dos habitantes, Scherer (2005, p. 59-60) nos apresenta características de quem são os visitantes ao mencionar que

são aqueles alunos(as) e professores(as) que participam do ambiente de aprendizagem com a intenção de visitar. Quando visitamos um ambiente, o fazemos impelidos por algum dever, por afeto ou por amizade. A ação livre para participar nem sempre está presente, lembrando que a palavra visitar vem do latim *visitare*, iterativo de *videre*, ver. As visitantes participaram apenas para observar o que estava acontecendo, sem se co-responsabilizar com o ambiente, com o outro, ou com a produção coletiva. Alguns deles chegam a colaborar, mas sem chegar a cooperar com o grupo, pois são parte (sentido estático, momentâneo), algumas vezes, do ambiente, não estão sendo parte do ambiente continuamente, eles não habitam o lugar, o conteúdo, pois são visitantes.

Os visitantes de um ambiente virtual podem ser compreendidos a partir de uma “transposição” de atitudes, de ações praticadas e que podem ser observadas também na modalidade presencial. Com isso, as atitudes de um visitante se assemelham a ações de passividade. Nesse sentido, não encontramos um visitante interagindo continuamente, e se responsabilizando, com o objeto de conhecimento em estudo, com o outro e, com o grupo, com o ambiente virtual de aprendizagem.

No EJVA, as ações dos visitantes são limitadas a busca de informações, em uma perspectiva de transmissão da informação e com a interação pautada na relação um-a-um (indivíduo-indivíduo, indivíduo-TDIC, indivíduo-informação) ou um-para-todos, a partir do envio de uma mensagem que mesmo não sendo aleatória, ao acaso, fora de contexto, não é retomada, discutida por esse visitante com os demais, mesmo existindo, ou não, contribuições do professor ou de outros estudantes.

Além dos habitantes e visitantes, considerando as atitudes de indivíduos em ambientes virtuais, Scherer (2005, p. 60) destaca que os transeuntes

são aqueles alunos(as) e professores(as) que passam pelo ambiente. Alguns entram, circulando pelos espaços, outros apenas passam. Eles são passantes, nem visitantes, e nem habitantes. A origem da palavra transeunte vem do latim *transire*, passar além, passar de um lugar para outro, sem parar, é alguém de passagem. Os transeuntes passam pelo ambiente em um ou mais momentos, às vezes param para observar, mas sem se deter em nenhum espaço em especial, sem se responsabilizar, sem apreender para si o ambiente, sem colaborar ou cooperar. Se notada a presença deles, eles se relacionam alheios ao grupo e ao ambiente, pois são apenas passantes, nem visitantes e nem habitantes do lugar. São parecidos com os “zapeadores”, aqueles que praticam o *zapping* com a televisão, internet, trocando de espaços, sem uma intenção em específico, sem saber para onde ir.

Os transeuntes são os indivíduos que podem até “entrar” nos ambientes virtuais organizados inicialmente pelo professor e modificados pelo resultado das ações de interação entre os indivíduos que habitam ou visitam esses ambientes, mas diferentes desses, os transeuntes não provocam mudanças, ou seja, não “existem” para os demais visitantes ou habitantes do ambiente.

No EJVA, as ações do transeunte se limitam ao acesso, talvez a uma observação e participação pontual em atividades avaliativas e, se ele enviar alguma informação para um dos ambientes virtuais que constituirão o AVA, enquanto ele “circula” entre os ambientes, a sua mensagem estará desarticulada de todo o processo de atividades de uma disciplina e/ou curso.

A partir das características apresentadas por Scherer (2005), ressaltamos que no EJVA, a atitude de estudantes e professores em um ambiente virtual pode ser identificada e analisada a partir da articulação entre a proposta de ensino de uma disciplina ou curso, em uma perspectiva de construção individual e coletiva de conhecimento; o uso de TDIC e os movimentos que podem favorecer a existência de interação entre indivíduos. Além disso, para que o estudante possa habitar os espaços virtuais de um AVA é fundamental que o professor também seja um habitante e, para isso, é preciso que ele “atente para a maneira de questionar, de mobilizar o grupo, sem dar muitas respostas, deixando o caminho aberto ao diálogo, o convite para participar” (SCHERER, 2005, p. 61).

4. Indivíduos e seus Estilos de (Aprendizagem) Uso do Virtual

Os estudos sobre Estilos de Aprendizagem, seguindo os modelos de Kolb (1984), Dunn e Dunn (1978), Felder (1993) e Butler (2003) foram muito utilizados em contextos de

aprendizagem que ocorrem na modalidade presencial, nos diferentes níveis de educação. Apesar disso, segundo Barros (2013, p. 45) “a necessidade de interação do [estudante] com o objeto de estudo, integrando o objeto de estudo à realidade do sujeito, pode ser estruturada por ambientes e formas de construção que a tecnologia possibilita”. Logo, seria possível identificar os estilos de aprendizagem nas interações que se estabelecem em ambientes virtuais, e esses estilos podem orientar a intensidade das interações a partir da abordagem EJVA. É essa a discussão que faremos a seguir.

Barros (2013, p. 73) afirma que “o virtual e seus elementos causam modificações globais em uma diversidade de aspectos influenciadores do ser humano, [...] apresentando-se visualmente como um espaço de diversidade de informação e excesso de movimentos”. Com isso, a percepção do estudante e as suas formas de manipulação das informações poderão ser observadas “de acordo com os gostos e interesses prévios ou não” (BARROS, 2013, 74).

Os espaços virtuais, a partir do uso de TDIC na EaD, possibilitam a existência de interação entre estudantes, professor e informações disponibilizadas nesses ambientes e, com isso, é preciso compreender que

A tecnologia possibilita uma multiplicidade de formas para que a aprendizagem ocorra; inicialmente pode ser utilizada como complemento, recurso didático, fonte de informação, espaço de práticas ou como um espaço de visualização de imagens. Quando se faz referência ao ensino e à aprendizagem no virtual, entende-se que isso está além do uso efetivo, como, por exemplo, buscar na web informações e fontes de dados para a construção do conhecimento ou criar na web um espaço de trabalho educativo online, no qual as ferramentas são os veículos de condução da informação – ali organizados com base no aprendido – e das relações estruturadas em chats, fóruns, comunidades de aprendizagem, etc (BARROS, 2013, p. 122).

As TDIC na EaD devem ser usadas, portanto, para além de práticas de ensino que disponibilizam e caracterizam essas tecnologias digitais apenas como “recursos/ferramentas”. Nessa modalidade de educação, os espaços virtuais devem ser propostos como “o lugar” em que se podem estabelecer práticas de ensino considerando os diferentes estilos de aprendizagem. Mas, como identificar esses estilos na modalidade a distância? Como propor e analisar as ações de ensino considerando os diferentes estilos de aprendizagem dos estudantes que atuam na EaD? Para responder a essas questões, Barros (2013, p. 124) realizou uma pesquisa para “verificar a forma como as pessoas utilizam o [ambiente] virtual e identificar se esses perfis possibilitam e facilitam a aprendizagem de acordo com os estilos de aprendizagem”.

É possível observar a relação entre os estilos de aprendizagem e algumas ações que caracterizam tais estilos, mas que aliados ao uso das TDIC apresentam características próprias, tais como: a busca e localização de informações com mais agilidade na Internet; a observação e interpretação a partir de diferentes formatos digitais (imagem, texto, vídeo, etc) de informação; a organização e seleção de informações em meio à diversidade de fontes possibilitadas pela Internet; e a experimentação e elaboração de teorias a partir do uso de simuladores, por exemplo.

A partir desse estudo, Barros (2013, p. 134) destacou que os Estilos de Aprendizagem articulados à utilização das TDIC na EaD podem ser identificados como Estilos de Uso do Espaço Virtual e que, nesse contexto, “são níveis de utilização dos aplicativos, ferramentas, interfaces on-line baseadas – entre outras características – na busca de informação, no planejamento e na imagem”. Com isso, a partir dos Estilos de Aprendizagem, Barros (2013, p. 134) identificou “a existência de quatro tendências de uso do espaço virtual”, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Estilos de Uso do Virtual e suas características

Estilo de Uso do Virtual	Características
Estilo de Uso Participativo no Espaço Virtual	“considera a participação como elemento central, no qual o indivíduo deve ter a ambiência do espaço. Além disso, para realizar um processo de aprendizagem no virtual, [...] necessita de metodologias e materiais que priorizem o contato com grupos online, que solicite buscar situações online, realizar trabalhos em grupo, realizar fóruns de discussão e dar ações aos materiais desenvolvidos” (BARROS, 2013, p. 134).
Estilo de Uso, Busca e Pesquisa no Espaço Virtual	“tem como elemento central para a aprendizagem a necessidade de fazer pesquisa online, buscar informações de todos os tipos e formatos [...] caracterizou-se como busca e pesquisa, no qual o usuário aprende mediante a busca, seleção e organização do conteúdo. Os materiais de aprendizagem devem estar voltados a construções e sínteses que englobem a pesquisa de um conteúdo” (BARROS, 2013, p. 134).
Estilo de Estruturação e Planejamento no Espaço Virtual	“tem como elemento central para a aprendizagem a necessidade de desenvolver atividades que valorizem aplicativos para elaborar conteúdos e atividades de planejamento. Essas atividades devem basear-se em teorias e fundamentos sobre o que se está desenvolvendo” (BARROS, 2013, p. 134).
Estilo de Ação Concreta e Produção no Espaço Virtual	“tem como elemento central para a aprendizagem a necessidade de realização dos serviços online e a rapidez na realização desse processo. Viabilizar com rapidez é um dos eixos centrais deste estilo de uso; utilizar o espaço virtual como um espaço de ação e produção” (BARROS, 2013, p. 135).

Fonte: Organizado a partir de Barros (2013).

Ao analisarmos as características que identificam e diferenciam os Estilos de Uso do Virtual, a partir dos estilos de aprendizagem, devemos considerar que tais estilos “são influenciados [...] pela forma de uso do objeto pelo indivíduo, pelo maior acesso, ambiência de uso, capacidade de pensar em rede e realizar inferências” (BARROS, 2013, p. 135). Nesse caso, esse objeto é o conceito que está em construção e que pode ser acessado, manipulado, apresentado em diferentes formatos digitais (imagem, texto, vídeo, entre outros) e essa variedade influencia diretamente na forma com que as informações são apresentadas aos estudantes.

Considerando então que os Estilos de Uso do Virtual estão relacionados às práticas de ensino e não, diretamente, com os processos de aprendizagem, cabe ao professor da EaD, segundo Barros (2013, p. 135) “desenvolver estratégias para o processo de ensino e aprendizagem que considerem a forma, o conteúdo e as características dos estilos” de uso do virtual. Sendo assim, o uso das TDIC na EaD devem ser propostas para além da necessidade de comunicação, do envio e recebimento de informações, mas para ações (estratégias) que possibilitem a existência de diferentes formas de acesso, tratamento e de produção de informações pelos estudantes e professor.

Barros (2013, p. 135) ressalta que “identificar os estilos de uso do virtual [...] amplia o potencial de trabalho pedagógico com as tecnologias na educação, porque facilita informações de como direcionar o trabalho com os alunos no virtual”. O que se aconselha, a partir dessa afirmação, é que seja realizado previamente um teste para identificação dos Estilos de Uso do Virtual com alunos e professores. Com isso, as ações que serão desenvolvidas em uma disciplina na EaD poderão ser planejadas, considerando a predominância dos estilos, tanto dos estudantes quanto do professor. Apesar disso, assim “como nos estilos de aprendizagem a tendência única dos estilos de uso do espaço virtual não deve ser priorizada, mas sim ampliada com estratégias que facilitem outros estilos” (BARROS, 2013, p. 135).

Logo, mesmo identificando inicialmente a predominância ou a diversidade de Estilos de Uso do Virtual dos estudantes de uma disciplina, por exemplo, o professor deve planejar ações que possibilitem o desenvolvimento dos demais estilos de uso, uma vez que o processo de aprendizagem; de interação entre estudantes e professor; de acesso, manipulação, análise, planejamento, estruturação, seleção, entre outras ações; ocorre a partir da disponibilização de diferentes TDIC que favoreçam a produção de informações e, conseqüentemente, a “construção individual e coletiva” de conhecimento.

Porém, ressaltamos que, assim como Barros (2013), utilizar as TDIC na EaD, a partir de ações que favoreçam o processo de aprendizagem, considerando o desenvolvimento dos

diferentes estilos de uso do virtual, exige o uso de tecnologias que ampliam as possibilidades de práticas de ensino ao longo de todo o período de formação. Portanto, a avaliação da própria prática pedagógica pelo professor deve ser constante e que, mesmo realizando o teste para identificar os estilos de uso do virtual no início da disciplina, as ações precisam ser planejadas, avaliadas, replanejadas, reavaliadas, tornando-se para o professor um exercício constante, diário, a cada ação realizada com os estudantes, pois

Quando se fala em aprendizagem no espaço virtual, significa não somente o uso de ferramentas ou a substituição do diálogo e da reflexão dos conteúdos científicos do sistema formal de ensino, mas uma modificação nas metodologias e materiais que viabilizam esse processo, bem como o enriquecimento e atualização dos conteúdos que fazem parte dele (BARROS, 2013, p. 124).

Essa avaliação da prática pelo professor faz parte dos movimentos do EJVA, faz parte do ciclo de ações do professor, pois este além de refletir e depurar conceitos e procedimentos estudados na disciplina, reflete sobre sua prática docente, e ao fazê-lo reflete e depura suas propostas de atividades, e sua relação com os estilos de uso do virtual dos estudantes, considerando as atitudes dos estudantes, por exemplo.

Ou seja, é importante que professores e equipe pedagógica que atua em cursos oferecidos a distância, com uso de espaços virtuais, considerarem que “o aprender” não ocorre da mesma maneira para todos estudantes, principalmente em modalidades distintas. Portanto, as “atitudes” dos estudantes podem estar relacionadas a como são propostas as atividades e o uso de TDIC, que consideramos que devem contemplar os diferentes estilos de uso do virtual, em movimentos de uma abordagem do EJVA.

5. Algumas Considerações

Ao realizarmos o estudo teórico sobre a abordagem denominada “Estar Junto Virtual Ampliado”, caracterizamos e apresentamos essa abordagem para a EaD, considerando a vivência de interações entre indivíduos, deles com informações e TDIC. Sendo essas interações determinantes e determinadas pela atitude de habitantes de professor e estudantes e pelos estilos de uso do virtual dos estudantes.

O que podemos concluir a partir do estudo teórico apresentado neste artigo, mesmo que provisoriamente, é que os espaços virtuais em que constituem ambientes de aprendizagem em disciplinas e cursos, precisam ser planejados, estruturados, organizados em ambientes que oportunizem a convivência, as interações, o compartilhamento de informações, o envio e o recebimento de mensagens, o uso de TDIC na manipulação de objetos de conhecimento por meio de suas representações... Ou seja, esses espaços

virtuais precisam se tornar ambientes virtuais acessíveis, intuitivos, possibilitando que os indivíduos o habitem, agindo e interagindo com os demais habitantes. Destacamos ainda que os aprendizes, estudantes e professores, precisam assumir atitude de habitante que favoreça tanto a existência dos ambientes virtuais, quanto dos processos de aprendizagem, sejam individuais ou coletivos.

Quando falamos sobre uma EaD que favoreça a construção de conhecimento, a exploração de objetivos de aprendizagem em um curso ou disciplina, é importante considerarmos a existência de diferentes estilos de uso do virtual, propondo ações a partir da articulação de mais de um espaço virtual, considerando suas características e especificidades, suas possibilidades de favorecer a interação, a busca, a pesquisa, o planejamento, a estruturação, a produção e ação dos indivíduos em relação aos objetos de conhecimento em estudo.

Consideremos ainda que, a abordagem do “Estar Junto Virtual Ampliado” se orienta a partir de movimentos provocados pelas interações estabelecidas entre a organização de espaços virtuais (TDIC) e os diferentes estilos de uso do virtual, das atitudes de habitantes dos indivíduos e da construção de conhecimento. Dessa forma, estando esses elementos em movimento, poderemos, no processo, identificar que todos os espaços virtuais utilizados em uma disciplina e/ou curso se constituem no ambiente virtual de aprendizagem da disciplina ou curso.

6. Agradecimentos

A pesquisa de doutoramento em Educação que produziu dados e que parte desses foram apresentados nesse artigo, recebeu financiamento do Ministério da Educação – Fundação CAPES, Programa Demanda Social (DS), Processo nº 1437265 e Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) Edital nº 19/2016 – Processo nº 88881.131928/2016-01.

7. Referências

BARROS, D. M. V. **Estilos de Aprendizagem e o Uso das Tecnologias**. Santo Tirso: De Facto Editores, 2013.

BUTLER, K. A. **Estilos de Aprendizagem**: as dimensões psicológica, afetiva e cognitiva. Traduzido por Renata Costa de Sá Bonotto e Jorge Alberto Reichert. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

DUNN, R.; DUNN, K. **Teaching Students Through their Individual Learning Styles**. Reston: Reston Publishing, 1978.

FELDER, R. M. Reaching the Second Tier: learning and teaching styles in college science education. **Journal of College Science Teaching**, v. 23, n. 5, p. 286-290, 1993.

FERNANDES, F. F. **O Uso de Tecnologias Digitais na Modalidade EaD**: um Estudo sobre Cursos de Formação Inicial de Professores de Matemática, Campo Grande, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

FERNANDES, F. F. **Ambiente Virtual e Educação a Distância**: espaços e movimentos de aprendizagem em uma disciplina. 2018. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais. **Est. Avaliação Educacional**, SP, v. 25, n. 57, p. 24-54, jan./abr. 2014.

KOLB, D. A. **Experiential Learning**: experience as the source of learning and development. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1984.

LUVIZOTTO, C. K.; CARNIEL, F. Educação a distância na sociedade da informação: reflexões acerca dos processos de comunicação, ensino e aprendizagem na sala de aula virtual. **Conexão: Comunicação e Cultura**, UCS: Caxias do Sul, v. 12, n. 24, p. 13-40, 2013.

PAPERT, S. **A Máquina da Criança**: repensando a escola na era da informática. Ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SCHERER, S. **Uma Estética Possível para a Educação Bimodal**: Aprendizagem e Comunicação em Ambientes Presenciais e Virtuais. 2005. 241f. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

VALENTE, J. A. **Espiral da espiral de aprendizagem**: o processo de compreensão do papel das tecnologias de informação e comunicação na educação, Campinas, 2005. 232f. Tese (Livre-Docência) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.